

A enciclopédia da desmedida do Marquês de Sade¹

The Marquis de Sade's Encyclopedia of Excess

Resumo

Da publicação da Enciclopédia à voga da libertinagem como estilo de vida, a sensibilidade do século XVIII francês foi marcada por transformações decisivas que, elegendo o excesso como denominador comum, tiveram particular impacto nas formas de vivenciar e de representar o corpo. Testemunha privilegiada dessas mudanças, o Marquês de Sade as interpretou ao seu modo, criando uma obra única que responde a um efetivo intento de produção do excesso. Dentro dela, Les 120 journées de Sodome (1785,) se destaca como uma enciclopédia da mais desmedida fantasia libertina.

Palavras-chave: Marquês de Sade; *Os 120 dias de Sodoma*; Libertinagem; Excesso; Literatura libertina; Século XVIII francês.

1 Este texto reproduz e amplia a conferência de encerramento, intitulada “Corpo e catástrofe no século de Sade”, realizada em 07 de novembro de 2024, dentro do *Colóquio Para além do dualismo: configurações do corpo na Modernidade* (Departamento de Filosofia, PUC-Rio). Nele encontram-se passagens e argumentos de escritos publicados anteriormente pela autora, em particular de *Lições de Sade – Ensaio sobre a imaginação libertina* (São Paulo: Iluminuras, 2011); *Perversos, amantes e outros trágicos* (São Paulo: Iluminuras, 2013); e “Posfácio” a Sade, Marquês de. In: *Os 120 dias de Sodoma ou A escola de libertinagem* (Tradução de Rosa Freire D’Aguilar, São Paulo: Companhia das Letras / Penguin, 2018, p. 489-500).

* Universidade de São Paulo (USP). elianermoraes@usp.br

Recebido em: 19/08/2025	Aceito em: 13/11/2025
-------------------------	-----------------------

Abstract

From the publication of the Encyclopedia to the rise of the libertine lifestyle, eighteenth-century French sensibility underwent decisive transformations that, choosing excess as a common denominator, had a particular impact on ways of experiencing and representing the body. A privileged witness to these changes, the Marquis de Sade interpreted them in his own way, creating a unique work that responds to an effective attempt to produce excess. Within it, Les 120 journées de Sodome (1785) stands out as a true encyclopedia of the most extreme libertine fantasy.

Keywords: Marquis de Sade; The 120 Days of Sodom; Debauchery; Excess; Libertine Literature; 18th-Century French.

Escrito na prisão, publicado em edições clandestinas e sumariamente proibido ao longo de quase dois séculos, o livro *Os 120 dias de Sodoma* chega à contemporaneidade com o frescor de um texto atual. Liberto dos constrangimentos que lhe foram impostos no passado, o mais perturbador dos títulos do Marquês de Sade pode enfim se oferecer sem reservas à apreciação do leitor. É em pleno gozo da liberdade, portanto, que ele vem desafiar o século XXI.

Sem par na tradição literária ocidental, esse desafio nasceu com a própria criação da obra e se estendeu igualmente à sua extraordinária história.

Não se sabe ao certo a data em que o autor começou a trabalhar no projeto. Alguns biógrafos supõem que isso tenha ocorrido em meados de 1782, quando ele colocou o ponto final no *Diálogo entre um padre e um moribundo*, considerado seu texto inaugural. Embora não se descarte a hipótese de esboços ainda mais antigos, é pouco provável que tenham sido escritos antes da primeira condenação de Sade, por crimes de libertinagem, lavrada em 1772. O ano marcou o fim de sua vida de juventude, agitada e dissoluta, para dar lugar a uma longa temporada de isolamento.

Mais grave e concentrada, essa fase teve início com o recolhimento do Marquês em seus domínios, onde ficou fora do alcance da polícia por meia década,

prolongando-se pelos treze anos de detenção que se seguiram à sua captura, em 1777. É de se imaginar que o afastamento da vida mundana e as sucessivas reclusões — do castelo de La Coste à fortaleza de Vincennes, e desta à Bastilha — tenham se combinado para gestar, na imaginação do autor, as impressões de base que viriam a inspirar sua primeira grande obra. Afinal, a extensão e a amplitude dos *120 dias* supõem um escritor que dispunha de maturidade e tempo suficientes para se entregar a um projeto de tal magnitude.

Foi na prisão, aos 45 anos, que Sade redigiu o manuscrito definitivo. Decidido a passar a limpo suas notas, ele fabricou uma grande tira de papel, colando uma a uma as extremidades das pequenas folhas que mantinha guardadas na cela, até completar um rolo de mais de doze metros de comprimento. Trabalhando à noite, na tentativa de escapar ao olhar dos carcereiros, o autor cobriu a imensa tira com uma escrita microscópica, ocupando integralmente frente e verso, sem deixar qualquer espaço para margens. Iniciado em 22 de outubro de 1785 e terminado em 37 dias, segundo seu próprio registro, o original se manteve em seu poder até às vésperas da Revolução Francesa.

Depois disso, porém, ele nunca mais voltou a vê-lo. Tendo sido retirado às pressas da Bastilha, dez dias antes do tumultuoso Catorze de Julho, o prisioneiro foi transferido para o hospício de Charenton sem poder levar nenhum de seus pertences. Entre esses estava o precioso rolo, escondido num pequeno buraco de uma parede da cela. Até sua morte, em 1814, o Marquês lamentou a perda daquela que considerava sua obra-prima, pela qual dizia ter derramado “lágrimas de sangue”.

*

Não só o criador, mas pessoa alguma teve notícias do manuscrito de *Os 120 dias de Sodoma* no decorrer do século XIX. Silêncio tão absoluto quanto eloquente, sobretudo por contrastar com a significativa repercussão que o restante da literatura sadiana conheceu no período, não obstante sua reiterada condição de clandestinidade.

Cabe lembrar que, entre os leitores oitocentistas, destacavam-se dois grupos que cultivaram particular interesse pelos escritos proibidos do autor: os psiquiatras e os escritores. Os primeiros vasculhavam esses livros para colecionar exemplos das patologias do sexo, já de olho na ideia de “sadismo”, palavra nova na época que, dicionarizada pela primeira vez em 1834, designava as “horríveis aberrações da libertinagem”. Inspirado no imaginário de Sade, o termo seria cada vez mais revisitado pela curiosidade médica,

ganhando notoriedade na última década do século, quando viria a aparecer nos tratados de medicina legal de Lacassagne e no compêndio de perversões da *Psychopathia sexualis* de Krafft-Ebing.

Enquanto os psiquiatras frequentavam o Marquês para corroborar seus catálogos de “anomalias sexuais” e assim justificar a ideologia de uma “sexualidade normal”, os escritores o liam com intento bem diverso, fascinados pela terrível aventura da noite que aquela obra encerrava. Considerado uma emi-nência parda do Romantismo, Sade reinou nos subterrâneos da sensibilidade europeia durante todo o século, excedendo o espírito romântico para inspirar outras vogas que se inauguraram então, como o satanismo, o dandismo ou a decadência. Balzac dizia não haver melhor introdução à atmosfera do romance gótico que *Justine*; Flaubert afirmava identificar-se com Minski, o antropófago de *Juliette*; Stendhal se abandonava a tais leituras para compreender os homens de gosto dos Setecentos, “que faziam do prazer sua única ocupação”. A esses se somavam outros tantos nomes como os de Huysmans, Chateaubriand, Lamartine ou Lautréamont, formando uma lista de admiradores que, na França, era encabeçada por Baudelaire e, na Inglaterra, por Swinburne.

Estranho pensar que nenhum desses escritores tenha tido qualquer contato, o menor que fosse, com esta que é a pedra fundamental da obra sadiana. Mas foi o que efetivamente aconteceu. Adormecido por cem anos, o manuscrito perdido passou por pouquíssimas mãos desde sua descoberta, ocorrida numa inspeção policial às celas logo após a queda da Bastilha. Adquirido por uma próspera família francesa, ele permaneceu guardado a sete chaves por mais de uma geração, até ser vendido a um colecionador alemão por volta de 1900.

A data é particularmente significativa, e por diversas razões. A começar pelo fato de que ela aproxima *Os 120 dias* de *A interpretação dos sonhos*, associando duas obras capitais que apareceram no raiar do século xx para colocar o sexo no centro da experiência humana e, assim, transtornar e transformar em definitivo o pensamento ocidental. Mencionados lado a lado, Freud e Sade parecem disputar o lugar de honra que lhes cabe, em pé de igualdade, na moderna história da sexualidade. Não surpreende que seus livros mais expressivos se façam conhecer exatamente na mesma década, ambos instaurando novos horizontes na paisagem sensível da época.

Esse papel inaugural do Marquês foi reforçado por Guillaume Apollinaire, que acabara de descobrir seus escritos nos porões da Biblioteca Nacional da França, conhecidos como “o inferno” por abrigar as chamadas “obras malditas”. Já em 1909, ao publicar uma coletânea de textos de Sade, a quem

apresentava como “o espírito mais livre que jamais existiu no mundo”, o poeta alertava em tom profético: “Esse homem que parecia não ter qualquer valor no século XIX pode vir a dominar o século XX”.²

*

A primeira edição de *Os 120 dias* foi composta em Berlim no ano de 1904. Iniciativa do psiquiatra alemão Iwan Bloch, que se reclamava editor da publicação sob o pseudônimo de Eugen Dühren, a pequena tiragem de 180 exemplares, embora repleta de erros, logo se tornou objeto de disputa entre colecionadores. Todavia, foi preciso aguardar ainda um quarto de século para que Maurice Heine, o primeiro biógrafo do Marquês, viajasse até a Alemanha com o objetivo de adquirir o manuscrito, a mando e expensas de um aristocrata francês. Devolvido ao seu país de origem, o livro conheceu enfim a primeira edição francesa na década de 1930, nada menos que um século e meio depois de sua criação.

Também aqui a data é digna de nota, pois coincide com a enorme atenção que as vanguardas europeias das primeiras décadas do século XX devotaram a Sade, em especial os artistas e pensadores que se reuniam em torno do surrealismo. Estes frequentaram sua literatura com vivo interesse, movidos por uma curiosidade que Robert Desnos sintetizou mais tarde ao dizer que: “todas as nossas aspirações foram essencialmente formuladas por Sade, o primeiro a considerar a vida sexual integral como base da vida sensível e inteligente”³. Batizado de “divino marquês”, o criador de *Justine* se tornou referência fundamental na arte de Man Ray, Hans Bellmer e André Masson, na escrita de Georges Bataille, Michel Leiris e Octavio Paz, assim como no teatro de Antonin Artaud e no cinema de Luis Buñuel, além de muitos outros artistas e escritores que não se cansaram de exaltar a violência poética de sua imaginação desvairada.

Escusado dizer que a publicação dos *120 dias* no entre guerras, quando a reflexão sobre a crueldade humana ganhou uma urgência sem precedentes, veio a conferir relevância ainda maior ao criador de *Justine*. Como que reiterando o parentesco subterrâneo entre Sade e Freud, André Breton justificaria o assombro de sua geração diante daquele texto arrebatador ao postular que “uma das grandes virtudes desse livro está em colocar o quadro das injustiças

2 Citado em Moraes, E. R. *Lições de Sade – Ensaios sobre a imaginação libertina*. São Paulo: Iluminuras, 2011, p. 139.

3 Citado por Le Brun, A. *Sade, aller et détours*. Paris: Plon, 1989, p. 119.

sociais e das perversões humanas sob a luz das fantasmagorias e dos terrores da infância, e isso ao risco de por vezes confundir umas e outras”.⁴

Com essa vigorosa disposição de leitura consolidada no pós-guerra, além de outras edições clandestinas em circulação na Europa e da então nova biografia assinada por Gilbert Lely, a profecia de Apollinaire parecia se concretizar em definitivo. Em meados do século, a França testemunhou ainda o lançamento das obras completas do Marquês, na iniciativa pioneira do editor Jean-Jacques Pauvert que acabou sendo objeto de um processo na Justiça francesa no ano de 1956 por “desacato à moral e aos bons costumes”. O crescente interesse por Sade ainda caminhou por bom tempo em paralelo às proibições: nunca é demais lembrar que, mesmo com a absolvição do editor, seus controversos títulos só foram liberados para venda em livrarias francesas depois dos ecos libertários de 1968.

Se a essa altura a fortuna crítica em torno do escritor já era considerável, daí em diante ela só fez crescer. De Simone de Beauvoir a Roland Barthes, de Maurice Blanchot a Michel Foucault, de Albert Camus a Jacques Lacan, o contingente de leitores, tradutores e exegetas excedeu em muito as fronteiras francesas para precipitar a atenção de espíritos os mais distintos como Theodor Adorno, Samuel Beckett, Alberto Moravia, Pier Paolo Pasolini, Herberto Helder ou Yukio Mishima. Autorizada por nomes como esses, somados aos de uma legião de *scholars* internacionais que se acumulou significativamente com o passar do tempo, a obra sadiana atravessou os anos Novecentos, alcançando a contemporaneidade com um prestigioso lugar de honra entre as prestigiosas publicações da Bibliothèque de la Pléiade.

Desnecessário dizer que o polêmico original se valorizou nesse meio-tempo, ganhando, ele também, singular evidência na atualidade. Não se trata, nesse caso, apenas do valor que lhe atribuem os agentes do mundo acadêmico e cultural: circulando igualmente nas arenas do mercado, o manuscrito passou a ser objeto de transações milionárias por todo o planeta, precipitando a cobiça de colecionadores de alta estirpe, de fundos de investimentos e de instituições estatais. Definitivamente, *Os 120 dias de Sodoma* alcançaram o século XXI.

Estaríamos nós, enfim, prontos para sua leitura?

*

4 Breton, A. *Anthologie de l'humour noir*, citado por Le Brun, A. *Soudain un bloc d'abîme*. Sade, Paris: Pauvert, 1986, p. 164.

Para responder à questão, é preciso levar em conta o convite que Sade dirige a quem o lê, formulado logo nas primeiras páginas do volume:

E agora, amigo leitor, prepare o seu coração e o seu espírito para o relato mais impuro que jamais foi feito desde que o mundo existe, pois livro semelhante não se encontra nem entre os antigos nem entre os modernos. Imagine que todo prazer honesto ou aconselhado por essa besta de que você fala incessantemente sem conhecê-la, e a que você chama de natureza, imagine que esses prazeres, digo eu, serão rigorosamente excluídos desta coletânea e que, quando por ventura aqui estiverem, serão sempre acompanhados de algum crime ou coloridos por alguma infâmia.⁵

Não há exagero aí. Aliás, nem é preciso percorrer o livro até o fim para se perceber que essa talvez seja, na história da literatura, a única hipérbole que corre o risco de ser verdadeira. Resta saber, contudo, se estamos preparados para tanto. Resta saber se nós, leitores do século XXI, estamos devidamente equipados, em termos mentais e físicos, para aceitar tal desafio.

Digamos então que, de um ponto de vista estético, é realmente possível que a atualidade esteja mais preparada para enfrentar o texto do que estava a época de Sade. Afinal, a associação entre o “bem” e o “belo” que era basilar então, submetendo as artes à moral, perdeu sentido no mundo moderno, pelo menos desde que Baudelaire publicou suas *Flores do mal*, expondo os leitores oitocentistas ao desconforto de imagens que atentavam contra o suposto “bom gosto”. Esse processo se ampliou ainda mais desde que as vanguardas elegeram o poeta francês como seu principal patrono e levaram à risca sua aposta nos imaginários malditos. Não é difícil deduzir, portanto, que a ficção do Marquês deixou de assustar os leitores do século XX, superando o que havia feito em momentos anteriores.

Além disso — ou até em decorrência disso —, a sensibilidade modernista parece ter nos treinado o suficiente para aceitarmos, sem maiores sobressaltos, produções estéticas de aspecto tão estranho quanto esta. Afinal, as novas artes e literaturas que surgiram a partir de então nos acostumaram às formas fraturadas, às estruturas disparatadas, às justaposições inesperadas, às rupturas de gêneros e a outros tantos procedimentos outrora impensáveis e, não raro, expurgados dos cânones. É bem verdade, porém, que a ousadia de Sade

5 Sade, Marquês de. *Os 120 dias de Sodoma ou A escola de libertinagem*. Tradução de Rosa Freire D’Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras / Penguin, 2018, p. 81.

parece muitas vezes ultrapassar as invenções vanguardistas dos Novecentos e não deixa de surpreender que ele o tenha feito por sua conta e risco, muito antes dos experimentalismos praticados por gente como Artaud, Roussel, Beckett ou Joyce.

Cabe recordar que os *120 dias* se iniciam como novela histórica, assumindo em seguida uma estrutura teatral que, por sua vez, dá lugar ao diálogo filosófico, para depois se resumir a um catálogo e terminar na forma de um balanço, expondo uma terrível contabilidade numérica. Em outras palavras: não há convenção que resista a esta composição inclassificável, que rompe com as regras de qualquer gênero literário até o ponto de se apresentar como um texto efetivamente degenerado. Não é por outro motivo que o livro expõe uma notável afinidade entre forma e conteúdo, ambos degenerados, como raras vezes se testemunhou na literatura.

A tal evidência vem se somar o fato de que Sade nos legou um escrito inacabado, a rigor, um rascunho. Tudo leva a crer, inclusive, que ele tentava passar a limpo suas notas, quiçá com o objetivo de completá-las posteriormente. No limite, esse “canteiro abandonado”, para nos valermos da definição de Jean-Jacques Pauvert ao manuscrito, constitui um paradoxo sem resolução: se, de um lado, os dados históricos permitem asseverar seu estado provisório, sugerindo o esboço de um projeto maior, de outro, é de se perguntar por que o autor não teria jamais retornado ao original para corrigi-lo ou complementá-lo nos quatro anos que ainda permaneceu na Bastilha depois de 1785. Por tal razão, Annie Le Brun propõe que se considere definitiva a forma de *Os 120 dias de Sodoma*, acreditando que o escritor assim o tenha decidido ao perceber que ela “se impôs de tal modo à economia interna do projeto que tornou impossível qualquer modificação”.⁶

Foram considerações como essa que contribuíram para uma nova compreensão do “relato mais impuro que jamais foi feito desde que o mundo existe”, alterando de forma significativa a sua recepção nas últimas décadas. Daí, por certo, a impressão de que este livro tenha chegado ao século XXI com o frescor de um texto contemporâneo. Mas isso não implica, de modo algum, qualquer pacto de fundo entre estas páginas e a atualidade, pois, sem paralelo “entre os antigos e os modernos”, *Os 120 dias* não coincidem com este nem com qualquer outro tempo real, uma vez que fundam — e talvez esse seja seu maior mérito — um tempo absolutamente exclusivo, só seu. Vejamos por quê.

6 Le Brun, A., *Soudain un bloc d'abîme*, Sade. Paris: Pauvert, 1986, p. 164.

*

Às temporalidades sadianas nunca faltam precisões e, no caso dos *120 dias*, elas se revelam das mais rigorosas: cento e vinte dias, seiscentas paixões; quatro meses de libertinagem, quatro classes de vícios; a cada dia, cinco modalidades, somando cento e cinquenta por mês. Essa exatidão temporal reverbera em todas as formalidades levadas a termo por uma comitiva de quarenta e seis pessoas, distribuídas em oito categorias distintas, das quais sete pertencem à classe dos súditos. Entre eles estão oito meninos, oito meninas, oito fodeadores, quatro criadas, seis cozinheiras, quatro esposas e quatro narradoras e, por fim, na classe dos senhores, os quatro devassos que sempre merecem designação individualizada: Curval, Durcet, Blangis e o Bispo.

A esses números somam-se ainda outros tantos que servem invariavelmente para precisar, com a maior justeza possível, as atividades realizadas no castelo de Silling. No capítulo dos horários, por exemplo, a jornada é inflexível: os devassos devem acordar diariamente às dez horas da manhã; às onze é servido o desjejum; segue-se a inspeção dos haréns e, entre uma e duas da tarde – “e nem mais um minuto”, adverte o narrador –, eles permanecem na capela devotada às volúpias coprofágicas. Das duas às três, durante a refeição dos súditos, os senhores descansam na sala de conversação. Seu almoço dura exatamente duas horas e, uma vez terminado, há espaço para um repouso de quinze minutos. Às seis em ponto a comitiva se reúne na Câmara de Assembleias para dar início aos trabalhos do dia, que se prolongam por quatro horas. A ceia é servida às dez da noite, seguida de uma orgia que deve cessar pontualmente às duas da madrugada, quando todos se recolhem.

O protocolo dos horários talvez baste para sugerir a relevância da precisão numérica nesse livro que, a começar pelo título, opera com uma prodigiosa quantidade de algarismos, sinais, medidas, listas e toda sorte de cálculos. Nada escapa à contabilidade do quarteto de Silling, que registra desde o número de garrafas de vinho saboreadas pelos senhores em cada refeição até a quantia de carne branca ingerida por um súdito cujas fezes serão servidas na ceia; ou, desde as proporções dos órgãos sexuais dos fodeadores até o inventário de bundas disponíveis para uma determinada orgia; ou ainda, desde o total de chicotadas recebidas pelos súditos em uma noite até o cômputo das mutilações realizadas ao longo de um mês. Nada escapa a essa contabilidade porque, ao lado das cenas lúbricas, as operações aritméticas são fundamentais para singularizar o “catálogo de perversões” que inaugura a obra de Sade sob um título ao qual não escapa o expediente numérico.

Importa observar que, assim como o sexo, os números são inequívocas fontes de prazer no mundo do deboche. Antes de tudo porque a enumeração sadiana visa a explicitar as cifras do gozo e, por tornar manifesto o que normalmente se vela, representa uma contestação aos discursos alusivos que só se referem às matérias sexuais por meio de subterfúgios retóricos. Ali onde o código literário do século xviii não tolera qualquer enunciação frontal, sujeitando a metáfora ao pudor, o marquês tem a ousadia de introduzir um extremo realismo, associando-o aos mais bizarros caprichos da imaginação. Ou, dizendo melhor, a enumeração libertina se traduz em prazer por implicar sempre uma contravenção – seja ela literária, moral ou até mesmo física, como confirmam as frequentes declarações de um narrador que almeja “aquecer o leitor a ponto de lhe custar algum sêmen”.

Importa ainda acrescentar que a fantasia libertina se alimenta amiúde dos balanços das realizações levadas a cabo por seus artífices. “Nada excita mais do que uma grande quantidade” – repetem os senhores de Silling quando tomam ciência do total de vítimas de uma jornada particularmente bem-sucedida, reiterando a satisfação que as altas cifras podem lhes proporcionar. Afinal, as quantidades evocam a abundância, o luxo, o poder e outras figuras da riqueza sem as quais esses personagens nem ao menos poderiam imaginar as “extravagâncias da luxúria” a que se abandonam diariamente.

Enfim, a amplitude da dilapidação que está no horizonte das atividades do deboche supõe reservas infinitas, sejam elas de dinheiro, de energia, de corpos, e tudo mais que for necessário para sua plena realização. Uma vez contabilizadas, porém, as somas esbanjadas em função do gozo físico são repostas em um plano simbólico que opera expressiva inversão de sinais: o que foi dilapidado torna-se então objeto de acumulação. Lê-se na 42ª modalidade das paixões complexas:

Enfrenta trinta mulheres por dia e faz todas cagarem em sua boca; come o cocô das três ou quatro mais bonitas. Renova essa função cinco vezes por semana, o que faz com que veja sete mil e oitocentas moças por ano. Quando Champville o encontra, ele tem setenta anos e há cinquenta exerce esse ofício.⁷

Como que convidando o leitor a partilhar desses prazeres, Sade lança a ele a tarefa de completar a conta para chegar a uma cifra ainda mais surpreendente.

7 Sade, Marquês de, op. cit., p. 391.

*

Embora a aventura dos devassos sadianos se norteie pelo imperativo de abarcar as maiores quantidades, de alcançar os marcos inatingíveis ou até mesmo de realizar a derradeira somatória, ela jamais redunde num projeto de saturação. Afinal, seus praticantes se orientam reiteradamente pela máxima de que “um excesso sempre conduz ao outro”. Daí que o horizonte libertino não contemple qualquer empenho de esgotamento, pois o que lhe interessa é sempre a manutenção da própria contabilidade – ou, se quisermos, a manutenção do excesso.

Trata-se de inventariar, enumerar e acumular, tendo em vista a criação de um catálogo que seja não só o mais completo possível, contendo toda sorte de elementos que possam servir à libertinagem, mas igualmente infinito, contando com tudo o que pode ainda ser inventado. A realização contínua desse inventário viabiliza e garante o inesgotável jogo ao qual os personagens se abandonam com rigor e obstinação para revelar o sentido maior de suas elucubrações aritméticas. Trata-se, pois, da combinatória.

Note-se que o intento combinatório tem por base a indiferenciação entre os sujeitos, a substituição de uns pelos outros e a intercambialidade dos corpos. Fiel a esse princípio, o sistema de variações do quarteto de Silling destina-se a descobrir o máximo de possibilidades entre os elementos disponíveis, que eles preferem chamar de “objetos da luxúria”. Assim, dado que seu gozo deriva das quantidades, as combinações se tornam a solução ideal para lhes garantir o mais alto grau de rentabilidade do sistema, já que criam condições para a ocorrência da surpresa, outro valor que lhes é muito caro.

Combinar, variar, diversificar: é precisamente essa a lógica do gigantesco balanço sexual proposto por Sade, cujo principal fundamento reside nos detalhes que diferenciam as paixões. A rigor, são essas variações, resultantes das combinatórias mais improváveis e sutis, que o narrador convida o leitor a apreciar na notável introdução do livro:

Quanto à diversidade, esteja certo de que é autêntica; estude bem a diversidade das paixões que parecem assemelhar-se a outras sem nenhuma diferença, e verá que essa diferença existe e que, por menor que seja, só ela tem, justamente, esse requinte, esse tato que distingue e caracteriza o gênero de libertinagem de que tratamos.⁸

8 Ibidem, p. 82.

Tal qual um inventário do abismo, as jornadas sadianas submetem essas variações à prova de uma insaciedade sem fim, para criar um catálogo paradoxal que, no intento de registrar todas as variantes do sexo, termina por render-se ao ilimitado do desejo. É o que se testemunha neste romance que nos surpreende até o desfecho: se, na introdução, o marquês promete oferecer seiscentas paixões, delimitando um número redondo, já no final do livro, o projeto de exatidão numérica acaba por não se realizar. Atente-se ao fato de que a classe de paixões assassinas não completa as cento e cinquenta modalidades previstas, conforme o próprio autor assinala: “148. A última. (Verifique por que faltam duas, estava tudo no rascunho.) O ilustre senhor que se abandona à última paixão que designaremos sob o nome de inferno foi...”⁹ Com essa ausência significativa, a lista não se conclui, deixando o monumental catálogo franqueado à vertigem da imaginação.

*

Quinhentas e noventa e oito paixões, cento e vinte dias. É verdade que, mesmo com a ausência das duas últimas paixões, a aventura do quarteto transcorre em quatro exatos meses, sendo sua estada no castelo de Silling minuciosamente descrita dia a dia. Não haveria por que duvidar da duração da temporada, portanto, não fosse o fato de que ela transcorre num lugar inteiramente apartado do mundo e alheio por completo às suas leis, a colocar em xeque a própria exatidão do título.

Afastamento radical que beneficia sobremaneira as atividades do grupo, já que os prazeres do vício só fazem se ampliar quando os libertinos podem dizer: “Estou sozinho aqui, estou no fim do mundo, longe de todos os olhos e sem que nenhuma criatura possa chegar a mim; acabam-se os freios, acabam-se as barreiras”. A partir de então, completa o narrador no décimo quarto dia da campanha, “os desejos se lançam com uma impetuosidade que não conhece limites, e a impunidade que os favorece aumenta deliciosamente toda a embriaguez”¹⁰. Mais que tudo, ao deixar em suspenso toda e qualquer restrição ao desejo, esse isolamento precipita igualmente uma inconcebível abertura das comportas do tempo.

9 Ibidem, p. 479.

10 Ibidem, p. 236.

A volúpia, já ensinava o personagem do texto inaugural da obra de Sade, é “o único modo que a natureza oferece para dobrar ou prolongar nossa existência”.¹¹ Sem a ilusão de encontrar outro mundo depois de morto, o libertino do *Diálogo entre um padre e um moribundo* (1782) transforma seu leito de morte em palco do prazer, onde a sensação de eternidade deixa de ser uma quimera para alcançar o status de experiência. Fantasia soberana que se realiza no corpo devasso, essa experiência cumpre o que a religião mantinha apenas como promessa. Daí também que, mais tarde, a lasciva Madame de Saint-Ange vá lembrar à sua jovem discípula que só o desregramento dos sentidos pode perpetuar o indivíduo no universo. É o que ela sintetiza com singular talento em *A filosofia na alcova* (1791), quando desafia a aluna em forma de pergunta: “Tens a loucura da imortalidade?”¹². A essa loucura Sade deu particular atenção ao redigir seu monumental manuscrito, inclusive por estar, ele também, apartado do mundo nos longos anos de reclusão na Bastilha. Encerrado entre as paredes de uma cela que, por ironia, se localizava numa torre da prisão conhecida como *Tour de la liberté*, o Marquês ficou entregue aos dias sem fim de uma pena sem duração, que ele fez coincidir com o tempo de sua imaginação. Não estranha, pois, que algumas das descrições mais bizarras desta “antologia de gostos”, para usar uma expressão sua, engendrem temporalidades improváveis, para não dizer absurdas. É o que se comprova, para ficar em apenas dois exemplos, na sumária paixão 31, da classe das criminosas: “Fode uma cabra na posição do galgo, enquanto é chicoteado. Faz um filho nessa cabra, que por sua vez ele também enraba, embora seja um monstro.”¹³ Ou ainda na desconcertante paixão 137, que integra a classe das assassinas: “Um incestuoso, grande apreciador de sodomia, para unir esse crime aos de incesto, assassinato, estupro e sacrilégio, e adultério, é enrabado por seu filho com uma hóstia no cu, estupra a filha casada e mata a sobrinha.”¹⁴ Ora, cumpre indagar, o que se tem aí senão maneiras inusitadas de conceber as durações temporais, fora de toda cronologia convencional? Do tempo resumido da primeira paixão, que ignora os ditames da natureza, ao tempo concomitante da segunda, que instaura um presente incondicional, o que se impõe é invariavelmente o

11 Idem, *Diálogo entre um padre e um moribundo*, citado por Moraes, E. R. In: *Lições de Sade – Ensaios sobre a imaginação libertina*, op. cit., p. 31.

12 Idem, *A filosofia na alcova*, citado por Moraes, E. R. In: *Lições de Sade – Ensaios sobre a imaginação libertina*, op. cit., p. 31.

13 Sade, *Os 120 dias de Sodoma ou A escola de libertinagem*, op. cit, p. 416.

14 Ibidem, p. 475.

primado do desejo sobre a realidade. Assim ocorre em toda a ficção do autor, que confirma a primazia das paixões sobre o andamento de qualquer história, seja ela grafada com maiúsculas ou minúsculas.

Eis, pois, o tempo forte de Sade. Tempo passional, como bem define Annie Le Brun em seus escritos sobre o autor, que, sendo fiel apenas aos imperativos da volúpia, não aceita nada menos que a promessa de uma perspectiva infinita. Tem razão Gilbert Lély quando aperfeiçoa o título do volume e alude aos “cento e vinte e um dias de Sodoma”, numa feliz associação do romance libertino com o *Livro das mil e uma noites*. A expressão não só desvela o caráter decididamente noturno dos dias sadianos, adensando seu paradoxo, como lhes acrescenta uma jornada adicional, deixando a descoberto seu horizonte sem fim.

Se, ao século XXI, cabe a criação de um novo capítulo na história da recepção do mais inquietante livro do Marquês de Sade, por certo a tarefa se mantém tão complexa quanto perturbadora. Livres das coações morais e estéticas de outrora, os incontáveis *120 dias de Sodoma* continuam a desafiar os leitores -- e talvez ainda mais agora, quando podem ostentar o alcance de sua aposta sensível.

*

Referências

- HÉNAFF, M. *L'invention du corps libertin*. Paris: PUF, 1978.
- LE BRUN, A. *Soudain un bloc d'abîme. Sade*. Paris: Pauvert, 1986.
- _____. *Sade, aller et détours*. Paris: Plon, 1989.
- LÉLY, G. *Vie du Marquis de Sade*. Tomo I e II. Paris: Gallimard, 1978.
- MORAES, E. R. *Lições de Sade – Ensaio sobre a imaginação libertina*. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- _____. *Perversos, amantes e outros trágicos*. São Paulo: Iluminuras, 2013.
- PAUVERT, J.-J. *Sade vivant*. Tomo II. Paris: Robert Laffond, 1989.
- PIA, P. (Org.) *Dictionnaire des Œuvres Érotiques*. Paris: Mercure de France, 1971.
- SADE, Marquês de. *Lettres à sa femme*. Paris: Babel, 1997.
- _____. *Os 120 dias de Sodoma ou A escola de libertinagem*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras / Penguin, 2018.
- SCLIPPA, N.; PARKER, K. (Orgs.). *Sade's sensibilities*. Maryland: Bucknell University Press, 2015.